
Mulheres negras na teledramaturgia brasileira: mapeamento da presença e modos de representação das protagonistas na novela das 21h ¹

Valquíria Michela JOHN²
Joana Luzia Tápea PEREIRA³
Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

RESUMO

Este artigo, parte de uma pesquisa em andamento, apresenta o mapeamento da presença de mulheres negras como protagonistas das telenovelas da Rede Globo de Televisão, do horário das 21h, a mais importante faixa da teledramaturgia nacional. O mapeamento contempla o intervalo de 1980 a 2024 em que se analisam outros aspectos relacionados à construção das heroínas e vilãs dessas narrativas e aqui recortamos para a questão racial. Na segunda etapa, ainda em desenvolvimento, são analisadas as formas de representação dessas personagens, num total de apenas 18 personagens (de um conjunto de 163 protagonistas) ao longo de cinco décadas analisadas.

PALAVRAS-CHAVE: telenovela; representatividade; mulher negra; protagonismo.

INTRODUÇÃO

Diversos estudos realizados ao longo das últimas seis décadas já destacaram o importante papel desempenhado pelas telenovelas brasileiras, especialmente as da Rede Globo de Televisão, no processo de formação de valores e percepções sociais quanto à própria realidade brasileira. Como produtos que refletem a sociedade, suas narrativas são atravessadas pelos diversos aspectos socioculturais que compõem a sociedade brasileira. Embora não seja “função” deste produto ficcional operar sobre a transformação da sociedade, “alfabetizar” para os temas que aborda ou mesmo promover o debate público sobre as práticas e temáticas sociais, sabemos que suas narrativas acabam por operar muitos desses processos, tanto de forma positiva, que contribui para a discussão de temas e assuntos muitas vezes difíceis de serem pautados na sociedade brasileira – como por exemplo as dissidências sexuais e de gênero – como pode atuar, intencionalmente ou não, para o reforço de representações segregadoras ou mesmo, no caso do recorte desta

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Televisiva Seriada, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora Permanente do PPGCOM e dos cursos de graduação em Jornalismo, Publicidade e Relações Públicas da UFPR. Coordenadora do grupo Obitel UFPR da Rede Obitel Brasil. E-mail: valquiriajohn@ufpr.br

³ Estudante de Graduação do 6º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, bolsista de Iniciação Científica CNPq, E-mail: joanatapea@ufpr.br.

pesquisa, para o reforço do racismo estrutural. A representação de personagens negras nessas produções, ao longo dos anos, tem sido marcada pela falta de diversidade e pela perpetuação de estereótipos racistas.

Embora representem 55,3% da população brasileira (IBGE 2022), a população negra ainda é pouco representada, o que reforça o aspecto problematizado por Joelzito Araújo quando realizou o mapeamento da presença de negros e negras na teledrurgia brasileira até o início dos anos 2000. Como apontou o autor:

O mito da democracia racial brasileira, apesar de intensamente criticado por amplos setores da população negra, persiste até hoje na indústria do cinema e da telenovela. Caracteriza-se como uma poderosa cortina que dificulta a percepção dos estereótipos negativos sobre os afro-brasileiros e provoca a falta de reconhecimento da importância dos atores e das atrizes negras na história do cinema e da televisão do país. (Araújo, 2008, p. 979).

Na construção de narrativas, os estereótipos desempenham um papel central na manutenção de estruturas de poder e na definição de identidades sociais. Conforme argumenta Stuart Hall (1997), os estereótipos afetam as produções de sentido e simplificam a complexidade das identidades humanas, reduzindo indivíduos a um conjunto limitado de características que são vistas como naturais e imutáveis. Hall (1997) ainda aponta que os estereótipos tendem a ocorrer onde há uma discrepância de poder e geralmente são direcionados para grupos estigmatizados e excluídos.

Para entender o impacto destes estereótipos nas narrativas, este artigo se propõe examinar a representação de personagens negras que atuaram como vilãs⁴ e heroínas (mocinhas e antagonistas) nas novelas das 21h da Rede Globo no período de 1980 a 2024. Através de uma análise quantitativa e qualitativa detalhada de personagens selecionadas, a pesquisa busca identificar padrões de representação, bem como a evolução dessas representações ao longo dos anos. Como se trata de pesquisa em andamento, aqui destacamos a primeira etapa, a do mapeamento da presença de mulheres negras como protagonistas (heroínas/mocinhas ou vilãs) das tramas exibidas no período. E como primeiro movimento analítico dos modos de representação, citamos as três primeiras protagonistas negras das telenovelas das nove, as personagens Bebel de Paraíso Tropical, Morena de Salve Jorge e Helena de Viver a Vida. O objetivo principal é entender como

⁴ Vilãs são entendidas nesta pesquisa como as antagonistas das mocinhas (aqui chamada de heroínas), e são aquelas que contemplam as características do arquétipo da má, como definido por Silvia Oroz (1999) quanto aos arquétipos femininos presentes no melodrama latino-americano. Conforme definem Silva, Ribeiro e John (2017) a má “[...] é vingativa, é ousada, é rebelde, é odiada, é temida, é desejada, ela desafia a ordem”.

essas personagens foram retratadas, destacando a importância de uma representação mais diversificada e menos estereotipada nas telenovelas brasileiras. Para a classificação étnico-racial das personagens, utilizamos as categorias do IBGE.

Para a análise qualitativa, abordamos os estudos étnico-raciais e interseccionais, fundamentados nas obras de Lélia Gonzalez (1984) e Patricia Hill Collins (2020). Para a classificação de representação da mulher negra no audiovisual, utilizamos as tipificações propostas por Marcia Rangel Candido e João Feres Júnior em seu estudo sobre "Representação e estereótipos de mulheres negras no cinema brasileiro" (2019). A análise também se beneficia de referências de representação conforme discutido por Stuart Hall (1997) e Joel Zito Araújo (2008).

AS MULHERES NEGRAS NAS TELENÓVELAS

A primeira etapa da análise consistiu no mapeamento quantitativo da presença de mulheres negras como protagonistas das narrativas das telenovelas das 21h exibidas entre 1980 e 2024. O recorte recai, portanto, nas heroínas (mocinhas) e vilãs (antagonistas) que constituem o eixo central da narrativa de toda telenovela, daí a importância de olhar especificamente para essas personagens. O gráfico a seguir destaca as disparidades encontradas ao longo das cinco décadas analisadas, sendo que é possível perceber que somente nas duas últimas décadas a presença de mulheres negras como protagonistas das tramas começa a ocorrer:

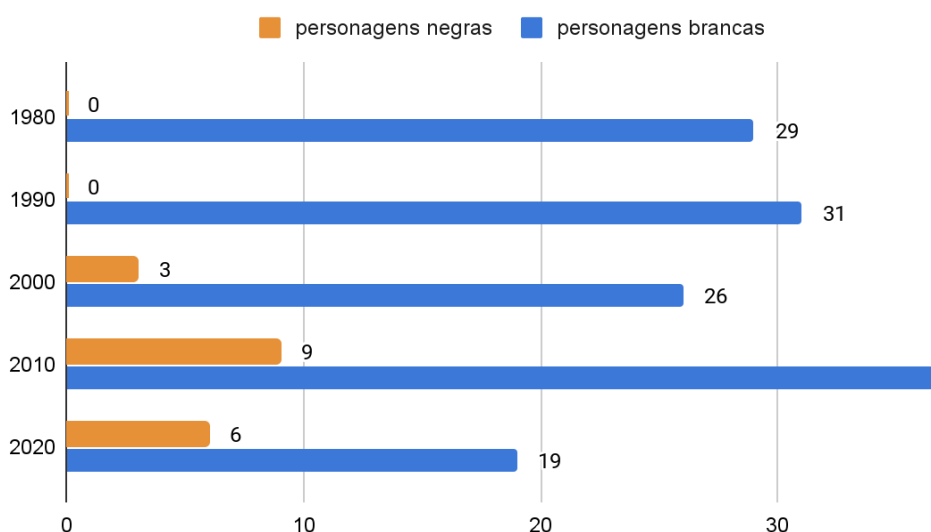


Gráfico 1: Classificação racial de heroínas e vilãs das novelas das 21h de 1980 à 2024.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2024)

Como fica evidente no gráfico, a análise documental revela um significativo intervalo de mais de 20 anos sem a presença de protagonistas negras. Como apresentado no gráfico 1, das 163 personagens mapeadas, apenas 18 são classificadas como pretas ou pardas. Durante o período de 1980 a 2006, todas as protagonistas das novelas das nove eram personagens brancas, refletindo uma falta evidente de diversidade étnico-racial nas narrativas televisivas brasileiras. Ao longo do intervalo mapeado, foram identificadas 13 novelas com protagonistas negras. As personagens e respectivas atrizes⁵ que as representaram nessas telenovelas estão descritas no quadro abaixo:

Telenovela	ano	personagem/atriz	heróina ou vilã?
Paraíso Tropical	2007	Bebel/ Camila Pitanga	Vilã
Caminho das Índias	2009	Maya/ Juliana Paes	Heroína
Viver a Vida	2009/10	Helena/ Taís Araújo	Heroína
Salve Jorge	2012	Morena/ Nanda Costa	Heroína
Babilônia	2015	Regina/ Camila Pitanga	Heroína
Velho Chico	2016	Maria Tereza/ Camila Pitanga	Heroína
Velho Chico	2016	Luzia/ Lucy Alves	Vilã
A Força do Querer	2017	Bibi/ Juliana Paes	Heroína
Amor de Mãe	2019	Lurdes/ Regina Casé	Heroína
Amor de Mãe	2019	Camila/ Jéssica Ellen	Heroína
Amor de Mãe	2019	Vitória/ Taís Araújo	Heroína
Dona do pedaço	2019	Juliana Paes / Maria da Paz	Heroína
Pantanal	2022	Filó/ Dira Paes	Heroína
Travessia	2022/ 23	Brisa/ Lucy Alves	Heroína
Terra e Paixão	2023	Aline	Heroína
Renascer	2023/24	Maria Santa / Duda Santos	Heroína
Renascer	2023/24	Teca / Lívia Silva	Heroína
Renascer	2023/24	Eli ferreira / professora Maria Lúcia	Heroína

Quadro 1: Personagens negras presentes nas telenovelas das 21h de 1980 à 2024.

Fonte: Elaborado pelas autoras (2024)

A primeira protagonista negra registrada na pesquisa foi a personagem Bebel, de Paraíso Tropical (2007), interpretada pela atriz Camila Pitanga. No mapeamento feito, Bebel foi classificada como vilã. De 2010 a 2019, observou-se um aumento no número de protagonistas negras em detrimento às outras décadas avaliadas, com 9 personagens catalogados durante este período. No entanto, esse número ainda é significativamente inferior ao de protagonistas brancas, que somaram 37.

⁵ Para a classificação étnico-racial das personagens não foram, neste primeiro momento, consideradas as auto-declarações de pertencimento étnico-racial das próprias atrizes. Este aspecto será considerado quanto o conjunto das 18 personagens forem analisadas de modo a verificar como se dá essa relação entre a personagem na tela (classificada pela perspectiva da representação visual) e o processo de heteroidentificação das próprias atrizes.

Essa falta de representação reflete as contradições enfrentadas pelas mulheres negras na sociedade mediante a opressão sistêmica. Patrícia Hill Collins (2020), argumenta que a luta por autodefinições próprias, das mulheres negras, é constantemente desafiada pela objetificação externa como "O Outro". Apenas 18 protagonistas negras em um período tão extenso evidenciam não apenas a sub-representação de pessoas negras, mas também a perpetuação de estereótipos e a marginalização das experiências dessas mulheres. Essa dinâmica sublinha como a mídia e o entretenimento, ao não refletir a diversidade e complexidade da sociedade brasileira, contribui para a manutenção de normas que depreciativamente impactam a condição das mulheres negras no cotidiano.

Outro aspecto relevante da pesquisa foi a análise da tonalidade⁶ da pele entre as protagonistas negras mapeadas. Das 18 personagens, apenas duas eram retintas (pretas de pele escura), enquanto 88,8% eram mulheres com uma tonalidade de pele mais clara. As duas personagens retintas fazem parte do elenco do remake da novela *Renascer* (2024), sendo Maria Santa, vivida por Duda Santos, e a professora Maria Lúcia, interpretada por Elidiana Ferreira. Consequência do racismo, o colorismo refere-se à discriminação baseada na tonalidade de pele e características associadas às pessoas negras. Quanto menos características negras uma pessoa apresenta, maior é a aceitação ou a passabilidade que ela tende a ter em determinados contextos.

Ocupação protagonistas

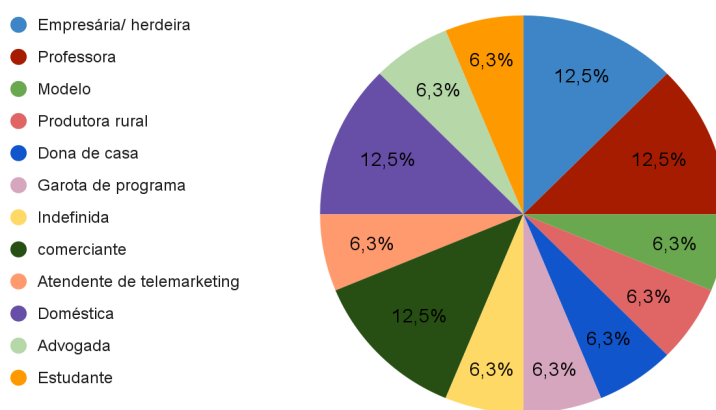


Gráfico 2: Mapeamento de profissões exercida pelas protagonistas negras nas novelas

Fonte: Elaborado pelas autoras (2024)

⁶ Como parte do processo da análise das personagens, pretendemos aprofundar a discussão sobre colorismo, inclusive para abordar as diferenças numéricas entre mulheres de pele mais ou menos retintas como protagonistas. Para essa discussão, pretendemos utilizar como referência o livro *Colorismo* de Alessandra Devulsky (2021).

Além disso, a pesquisa identificou as classes sociais das protagonistas. Sendo que 41,7% (7) das personagens estavam classificadas como pertencentes à classe baixa ou média baixa. Dessas, 29,4% experimentavam uma ascensão de classe durante a trama, frequentemente transitando de uma situação de classe baixa para alta- como no caso da personagem Regina da novela Babilônia (2015), vivida por Camila Pitanga. No entanto, essa mudança de status social nem sempre é retratada de maneira positiva. Por exemplo, a ascensão das personagens Bibi Perigosa, vivida por Juliana Paes em A Força do Querer (2017) e Bebel, de Paraíso Tropical (2007), envolvia situações moralmente questionáveis, envolvendo situações de corrupção e crime.

Ao todo, foram identificadas 11 ocupações (gráfico 2) exercidas pelas personagens ao longo das tramas. Apenas três profissões — advogada, empresária e modelo — apresentavam um status social elevado e certo poder. Os exemplos podem ser observados nas narrativas da advogada Vitória de Amor de Mãe (2019), da empresária Maria Teresa e da herdeira e produtora rural Luiza de Velho Chico (2016), e da modelo Helena de Viver a Vida (2010).

As demais profissões estavam classificadas como papéis de cuidado, professoras, lavadeiras, faxineiras e donas de casa, ou profissões de menor remuneração e prestação de serviços, como atendentes de telemarketing, comerciantes e garotas de programa. Esses dados reforçam a tendência, atravessada pelo racismo no contexto brasileiro, de atribuir à população negra papéis sociais subalternos. Na visão naturalizada do racismo cabe à mulher negra apenas o local de servidão, em papéis como cozinheira, servente, trocadora. (Gonzales, 1984)

Emblemáticas por serem as primeiras protagonistas negras a ganhar destaque nas novelas das 21h da Rede Globo, Bebel em Paraíso Tropical (2007), Helena em Viver a Vida (2010) e Morena Salve Jorge (2012) oferecem um ponto de partida crucial para a análise das representações de mulheres negras na televisão brasileira. Essas personagens não apenas romperam com décadas de ausência de protagonismo negro nesse horário nobre, mas também introduziram novas dinâmicas narrativas e desafios interpretativos para entender como as complexidades raciais são abordadas nesse formato de entretenimento tão popular no país.

Essas personagens estão sendo analisadas a partir das proposições de Collins (2019), Gonzales (1984) e Candido e Feres Jr (2019). Em um primeiro movimento

analítico, já é possível observar que muitos dos estereótipos apontadas pelas autoras são reforçados nas trajetórias dessas personagens. As mulheres negras são frequentemente limitadas a papéis de exploração sexual, ou a papéis de servidão no cotidiano, destacando assim os estereótipos da mucama, mulata exportação e mãe preta, que perpetuam a marginalização e exploração das mulheres negras na sociedade brasileira (Gonzales, 1984). O estereótipo da mulata exportação também está conectado ao colorismo, tendo em vista que as personagens vivenciadas por Camila Pitanga e Nanda Costa são mulheres negras com a tonalidade de pele mais clara. Apesar de terem vivido experiências trágicas no decorrer das novelas, no encerramento, as três protagonistas vivenciam um final feliz. Bebel, consegue sua ascensão social ao se casar com um político investigado em um processo de corrupção. Helena separa do marido e, largando uma relação conturbada, volta a trabalhar como modelo. Morena consegue fugir de seus sequestradores e voltar ao Brasil, denunciando a organização criminoso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como observado na pesquisa, houve um aumento no número de personagens negras na última década, indicando uma melhora na inclusão. No entanto, a qualidade da narrativa dessas personagens ainda levanta preocupações significativas. Embora os resultados aqui apresentados sejam parciais, uma vez que até o momento foram analisadas apenas três das 18 personagens mapeadas, os modos de representação das três primeiras protagonistas negras da telenovela das 21h já sinaliza um cenário problemático. É necessário repensar as imagens de controle (Collins, 2019) a que essas personagens ainda são submetidas. Evitando a perpetuação de estereótipos racistas que estigmatizam e interferem na percepção social desse grupo. Algumas obras mapeadas tentaram reverter certos estereótipos, como foi o caso da personagem de Helena em *Viver à Vida* (2010). Entretanto, grande parte das personagens apresentam um arco narrativo fundado na falta de reconhecimento, em papéis subalternos, na objetificação sexual ou trajetórias de sofrimento.

As telenovelas, como uma parte fundamental da cultura brasileira, têm o poder de promover debates significativos e influenciar o pensamento, as visões do público. Portanto, é crucial que elas não apenas incluam mais personagens negras, mas também

garantam que essas representações sejam complexas e multidimensionais. Dado que pessoas negras formam um grupo social majoritário no país, a diversidade física e social presente nessa parcela da população é vasta. As novelas devem refletir essa pluralidade, em vez de perpetuar estereótipos que reforçam o racismo sistêmico.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Joel Zito. O negro na telenovela, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n.3, p. 979-985, set./dez. 2008.

CANDIDO, Marcia Rangel; FERES JÚNIOR, João. Representação e estereótipos de mulheres negras no cinema brasileiro. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, n. 2, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro Conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Ciências Sociais Hoje**, p. 223–244, 1984.

_____. (1979c). O papel da mulher negra na sociedade brasileira (mimeo, Spring Symposium the Political Economy of the Black World. Los Angeles, 10- 12 maio de 1979).

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Editora PUC-Rio, 2016.

IBGE. **Censo 2022: pela primeira vez, desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda** | Agência de Notícias. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda>>. Acesso em: 22/3/2024.

NASCIMENTO, Rosânia do. COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Pós - Revista Brasiliense de Pós-Graduação em Ciências Sociais, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 7, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistapos/article/view/29460>. Acesso em: 27 jun. 2024.